

---

## O Papel do Jornalismo na Desconstrução de Teorias da Conspiração: O caso da relação entre 5G e Covid-19<sup>1</sup>

Fernanda R. ROSA<sup>2</sup>

Diego VICENTIN<sup>3</sup>

University of Pennsylvania, Philadelphia, PA

Universidade de Campinas, Limeira, SP

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a cobertura de veículos de comunicação digital a respeito das teorias da conspiração que relacionam o padrão de telefonia móvel 5G como causa da Covid-19, e os consequentes incêndios a antenas 5G em diversas partes do mundo. Para isso, fazemos a análise das narrativas utilizadas em oito matérias publicadas em português e em inglês no mês de abril de 2020 quando os casos começaram a ganhar visibilidade. A análise mostra que os veículos de comunicação analisados optam por falar com um público mais cativo e já propenso a desacreditar das relações entre Covid-19 e 5G, usando narrativas que ridicularizam a situação. Apontamos para a necessidade de um jornalismo que problematize o quadro com maior profundidade, abordando, em especial, o papel das plataformas digitais na disseminação de teorias da conspiração.

**PALAVRAS-CHAVE:** teoria da conspiração; 5G; COVID-19; jornalismo; governança da internet.

### INTRODUÇÃO

Em fase inicial de implantação, e com escopo mundial, o padrão de telefonia móvel 5G tem despontado como assunto na opinião pública nacional e internacional em notícias que vão de seções de tecnologia a crimes. Se numa situação corriqueira, o conhecimento de tal padrão se disseminaria via mensagens de marketing e lançamento das empresas de telefonia móvel, o 5G tem figurado em notícias que relatam incêndios a antenas em diversos países, em especial na Europa, mas com casos também em outras localidades. Até o início de junho de 2020, haviam sido contabilizadas mais de oitenta

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Postdoctoral Fellow da Annenberg School for Communication - University of Pennsylvania, e-mail: [fernanda.rosa@asc.upenn.edu](mailto:fernanda.rosa@asc.upenn.edu)

<sup>3</sup> Professor da Faculdade de Ciências Aplicadas - UNICAMP, e-mail: [diego.vicentin@gmail.com](mailto:diego.vicentin@gmail.com)

---

antenas incendiadas apenas no Reino Unido (DN/AFP, 2020). Realizados de maneira aparentemente descentralizada, tais ações parecem conectar-se por informações que ressoam no vácuo informacional sobre o tema. Teorias de que o padrão 5G causaria a Covid-19 têm se alastrado consistentemente, sustentando-se nos medos que ondas eletromagnéticas invisíveis ao olhar humano despertam no conhecimento popular.

No presente trabalho, nos dedicamos a analisar a cobertura midiática desses incêndios entendendo-a como uma fonte fundamental para informar a população em geral, e desconstruir teorias conspiratórias, sem comprovação científica. Quando entendidas como o efeito de uma caixa preta com vazamento (CALLON; LATOUR, 1981), especificamente a caixa preta das plataformas digitais que contribuem para a disseminação vertiginosa de informação, essa cobertura abre a possibilidade de novos entendimentos sobre os fluxos de informação na era digital, incluindo novos atores e acontecimentos numa discussão que cada vez ganha mais visibilidade, e que diz respeito ao papel das redes sociais na mediação do conhecimento (SOUZA; AVELINO; SILVEIRA, 2018). Sem desconsiderar outras facetas de cunho tecnopolítico que elucidam a corrida tecnológica e os jogos de poder entre Estados Unidos e China no que tange à tecnologia 5G (MAURÍCIO; ALMEIDA; SOARES JR., 2019; VICENTIN; ROSA, 2020), queremos aqui examinar as narrativas jornalísticas sobre o tema.

Para essa análise de conteúdo, selecionamos oito matérias veiculadas em abril de 2020 quando a relação 5G e Covid-19 começou a ganhar visibilidade – ainda que movimentos anti-5G já estivessem sendo reportados pelo menos desde 2019 (BROAD, 2019). As notícias provêm de diferentes fontes (Quadro 1) e permitem entender as posições defendidas e os argumentos de autoridade utilizados para informar leitores/as sobre tais episódios que objetivam impedir a comunicação via 5G. Em outras palavras, buscamos identificar que tipo de jornalismo está em efeito e o quanto ele permite compreender melhor a disseminação de teorias da conspiração, tendo em vista que os artigos ultrapassaram as seções de tecnologia e se estendem a seções com escopo e alcance variados como crimes, coronavírus, estilo de vida, mundo, etc.

A busca de notícias foi realizada via buscadores (DuckDuckGo e Google) e a seleção priorizou diferentes datas no decorrer do mês e diferentes tipos de veículos: populares e de alcance local (*Sun US*), tradicionais (*The Guardian*, RFI), canais especializados em tecnologia (Olhar Digital, *The Verge*, *Wired UK*) e meios com propostas acadêmicas e alternativas (*The Conversation*, *Vice*). Quatro veículos reportam

desde os Estados Unidos, três da Europa e um do Brasil. Dois artigos estão em português e o restante em inglês, com traduções feitas pelos autores.

Data	Veículo	País	Idioma	Título
02/04	<i>The Sun US</i>	US	Inglês	<i>VIRAL THEORY Bizarre '5G caused coronavirus' conspiracy theory that spread on YouTube is still going viral on WhatsApp</i>
04/04	<i>The Verge</i>	US	Inglês	<i>British 5G towers are being set on fire because of coronavirus conspiracy theories</i>
06/04	<i>Wired UK</i>	UK	Inglês	<i>How the 5G coronavirus conspiracy theory tore through the internet</i>
06/04	Olhar Digital	BR	Português	Por medo do coronavírus, ingleses ateiam fogo a torres de 5G
07/04	RFI	FR	Português	Covid-19: Fake news no Reino Unido provoca incêndios de antenas 5G
14/04	<i>Vice</i>	US	Inglês	<i>These Videos Show People Burning Down 5G Cell Phone Towers Over Coronavirus Conspiracy Theories</i>
20/04	<i>The Conversation</i>	US	Inglês	<i>Coronavirus conspiracy theories are dangerous – here's how to stop them spreading</i>
26/04	<i>The Observer/ The Guardian</i>	UK	Inglês	<i>5G, coronavirus and contagious superstition</i>

Quadro 1: Matérias da imprensa analisadas

A seguir, examinamos os textos das matérias selecionadas considerando a construção da narrativa e a explicação dos fatos ocorridos, os discursos definidos a serem contestados e as vozes de autoridade selecionadas pelos veículos para tal fim.

## RESULTADOS

Teoria da conspiração é o termo mais recorrente encontrado nas narrativas jornalísticas para classificar a relação entre 5G e a Covid-19. As matérias convergem na

busca de desconstruir as teses que motivam os incêndios, e para isso classificam os atos incendiários como crimes, além de adjetivar as situações com os termos: “bizarro”, “enganoso”, “inteiramente falso”, “meias verdades”, “sem embasamento científico”, “insano”, “mentira cruel”, “fantasia”, entre outros. Por exemplo, a revista *The Conversation*, cujo lema é “rigor acadêmico, talento jornalístico”, chama os incêndios de “infodemia sem senso.”

O que essas matérias indicam é uma escolha de vocabulário e de construção de texto que tendem a projetar um/a leitor/a que já tende a aceitar o valor da ciência. Sem apresentar fortes contra-argumentos mas ridicularizar, tais trabalhos jornalísticos optam por não dar explicações aprofundadas sobre as motivações para as ações incendiárias, como se verá no decorrer dessa seção.

As vozes identificadas a serem contestadas por difundirem informações sem fundamentação que levam aos incêndios das antenas 5G são pessoas da área da saúde, em especial um médico americano, um belga, e uma enfermeira, além de celebridades, e pessoas comuns em grupos do Facebook, e outras redes sociais como Twitter, WhatsApp e YouTube, identificadas via número de visualizações e interações nos posts publicados a respeito.

Em relação aos fatos de origem, como informa a revista Wired UK, o clínico geral Kris Van Kerckhoven, na cidade de Putte, no estado da Antuérpia na Bélgica, teria dado uma entrevista em janeiro de 2020 num jornal local onde após ter sido indagado se as inúmeras antenas 5G instaladas em Wuhan, na China, em 2019, poderiam estar relacionadas ao coronavírus, teria afirmado “Eu não fiz uma checagem dos fatos, mas pode haver uma conexão com os atuais eventos.” A matéria teria primeiro se difundido em alemão e depois se disseminado em grupos em inglês, antes de ser deletada pelo jornal (TEMPERTON, 2020). Em outro foco de origem das teorias, em fevereiro, conforme reporta a revista *The Verge* a enfermeira, que figura numa rádio comunitária chamada Uckfield FM no Reino Unido, foi filmada em estúdio enquanto dizia que o 5G suga o oxigênio dos pulmões, sugerindo direta relação entre o coronavírus e o padrão de tecnologia móvel (WARREN, 2020). Além disso, nos Estados Unidos, como reporta o jornal local *The Sun US*, o médico Thomas Cowen teria dado uma palestra numa conferência de saúde afirmando que a África não era uma região com 5G e por isso não estava sendo “tão” afetada pelo coronavírus, (EDWARDS, 2020). Contra o médio pesa o fato de ter sido anteriormente suspenso de suas atividades por cinco anos por prescrever

---

medicamentos não licenciados em tratamento de câncer (ADAMS, 2020), e de ser chamado de “pseudo-cientista” (RFI, 2020).

Celebridades locais e dos Estados Unidos também são tidas como responsáveis por mensagens que deram suporte ao movimento anti-5G e à sua relação com o coronavírus. São citados o boxeador Amir Khan, os atores americanos John Cusack e Woody Harrelson, um ex-juiz de dança no gelo Jason Gardiner, além das cantoras americanas Keri Hilson e M.I.A., a atriz Lucy Watston do seriado *Made in Chelsea*, o extrema-direitista americano Alex Jones, e a apresentadora e apresentador de TV Amanda Holden e Eamonn Holmes, entre outros. A revista *Vice* informa que Holmes polemizou ao dizer: “O que eu não aceito é a grande mídia imediatamente dizendo que isso [a causa da COVID-19 pelo 5G] não é verdade quando eles não sabem que não é verdade (...) É muito fácil dizer que isso não é verdade porque combina com a narrativa do estado” (GILBERT, 2020).

A identificação das celebridades e suas funções nas matérias parecem somar ao argumento de ridicularização, com o foco em salientar que elas não são figuras da área da saúde, o que abalaria sua legitimidade para tratar do tema. Essa estratégia jornalística, no entanto, não parece ser útil para desconstruir teorias conspiratórias de rápida disseminação. A realidade é que, pela sua visibilidade, o suporte de celebridades e pessoas conhecidas a informações sem embasamento científico geram muitos likes e compartilhamentos nas redes sociais. Por exemplo, enquanto pessoas conhecidas são responsáveis por compartilhar 20% dos posts que contêm informações não comprovadas sobre a Covid-19, elas geram 69% dos envolvimento nas redes sociais (BRENNEN et al., 2020). Por isso, pesquisadores aprovam ações do Twitter de deletar posts de políticos como Jair Bolsonaro que trazem informações falsas do vírus e de seu tratamento (BRENNEN et al., 2020). Não por acaso, há uma discussão latente sobre a comunicação presidencial no Brasil via grupos de mensagem privadas como WhatsApp e Telegram que segue, sem regulação pertinente, causando danos à democracia e à saúde em tempos de pandemia (GRAGNANI, 2020; ROSA, 2020).

Ao buscar identificar as vozes de autoridade que os veículos de comunicação utilizam, encontramos autores que pesquisam sobre teorias de conspiração, autoridades do governo, incluindo políticos e pessoas da área da saúde, agências de checagem de fatos, CEOs de empresas de telecomunicações, representantes de organizações que instalam antenas de celular, declarações públicas e entrevistas de empresas como

---

WhatsApp e YouTube, e também estudantes de medicina em posts irônicos no Twitter sobre os contatos que têm tido com informações a respeito da relação entre o 5G e a Covid-19. Na maioria dos casos, os argumentos, ao invés de explicarem ao/a leitor/a possíveis motivações ou razões para os incêndios, se limitam a ratificar a ridicularização ou criminalização dos mesmos. Abaixo damos alguns exemplos.

O Olhar Digital reporta que Nick Jeffery, CEO da Vodafone UK, empresa de telecomunicações cujas antenas foram incendiadas se posicionou dizendo: “Sinto informar que vândalos realizaram uma série de ataques criminosos a torres de telefonia celular durante este período de crise nacional (...) Agora é uma questão de segurança nacional. As autoridades policiais e de combate ao terrorismo estão investigando” (RIGUES, 2020).

Na mesma direção, a RFI informa que em resposta aos incêndios, Stephen Powis, diretor médico geral do sistema de saúde na Inglaterra julgou ser o “pior tipo de notícia falsa (...) lixo completo e absoluto.” Enquanto o número dois do governo do Reino Unido, Michael Gove, afirmou: “As redes telefônicas são usadas pelos nossos serviços de emergência e estou absolutamente indignado, com nojo de que as pessoas possam atacar a infraestrutura de que precisamos precisamente para responder a essa emergência de saúde” (RFI, 2020).

The Observer/ The Guardian assumem a voz do governo ao rechaçar os incêndios dizendo “*Não é preciso dizer* que não há conexão possível entre as ondas de rádio 5G e a propagação de um vírus. Mesmo assim, o governo foi forçado a lidar com os medos, chamando-os de ‘uma falta de senso perigoso’” (ADAMS, 2020, grifos nossos).

Com esses argumentos, os meios de comunicação analisados parecem estar dialogando com sua audiência mais cativa, alinhada com suas bases de valores. É dizer, ao abordar as narrativas de desinformação como absurdas, faz-se uma desqualificação que dificulta o diálogo com pessoas que estão sendo atingidas pelas campanhas que se quer desbancar. Dessa forma, o papel do jornalismo em desconstruir teorias conspiratórias é limitado em si mesmo por suas próprias estratégias de comunicação. Em certa medida, esse jornalismo se alinha a posts irônicos de usuários/as das redes sociais em que se rebaixa o outro, aquele que acredita no que está sendo veiculado. Como exemplo, podemos citar um estudante de medicina no Twitter que diz: “Eu posso ouvir minha mãe ouvindo a um vídeo do WhatsApp no quarto dela explicando como o 5G causa o coronavírus e honestamente eu tenho perdido a paciência.” (EDWARDS, 2020).

---

Acreditamos que ao fazer isso, esses veículos abrem mão da possibilidade de criar pontes, de falar com o diferente, de informar a uma gama maior de leitor/a, com consequências negativas para o momento de desinformação e circulação de “informações problemáticas” (JACK, 2017) que caracterizam o momento atual.

Em uma direção mais contra-argumentativa, onde posicionamentos que têm gerado desinformação são diretamente rechaçados, encontramos os três exemplos a seguir nas matérias do Olhar Digital, *The Sun US*, e *The Verge*, respectivamente:

A teoria [de que o 5G suga ar dos pulmões], que não tem nenhum embasamento científico, não leva em consideração que a pandemia se espalhou para países onde não há redes 5G em operação, como o Irã, Japão ou Brasil. Além disso, seria muito mais fácil contê-la se o 5G fosse a causa: bastaria desligar as redes (SANTINO, 2020).

COVID-19 é causado por um vírus que veio de uma fonte animal natural e não tem relação com o 5G ou qualquer radiação ligada à tecnologia" – Georges Benjamin, diretor executivo da *American Public Health Association* (EDWARDS, 2020).

Full Fact, uma agência filantrópica independente no Reino Unido, explorou as alegações [sobre o coronavírus e o 5G] depois que um tabloide britânico as destacou recentemente. O 5G usa uma frequência de ondas de rádio mais alta que a 4G ou 3G, mas os reguladores no Reino Unido registraram níveis de radiação eletromagnética 5G bem abaixo das diretrizes internacionais” (WARREN, 2020).

Nesses três casos, visualizamos a tentativa de estabelecer um raciocínio ou embasamento científico como argumento de legitimidade, mas não há explicações mais aprofundadas na direção de um jornalismo científico. Por outro lado, nos chama a atenção a falta de problematização dos padrões de tecnologia móvel, como se esses fossem termos que se definem por si mesmos, e a igualmente ausente problematização do papel das plataformas digitais que tornam possível a disseminação de informação com poucos cliques. Parece ser aceitável às matérias que as redes sociais sejam reativas ao problema, sem discutir o teor da mediação e controle de informação em andamento. Como exemplo, citamos o trecho abaixo da *The Verge*:

Peter Clarke, especialista em infraestrutura de redes móveis no Reino Unido, denunciou o grupo [anti-5G] ao Facebook, mas a empresa inicialmente não conseguiu removê-lo. Após um aumento na atenção, o grupo foi removido, mas muitos outros ainda estão disponíveis com informações falsas e milhares de pessoas incentivando umas às outras a colocar fogo nas torres 5G (WARREN, 2020)

---

Mesmo no caso em que encontramos a visão mais crítica às plataformas, na *Wired UK*, vemos que a opinião não é acrescida de discussões substantivas. A revista informa que enquanto no início da difusão dessas informações não fundamentadas, YouTube e Facebook tinham “câmaras de eco” onde as discussões atingiam um restrito grupo de usuários/as, “... algumas semanas depois, [as informações] começaram a escapar, impulsionadas por algoritmos de engajamento inteligentes o suficiente para detectar uma tendência viral, mas burros o suficiente para não notar a idiotice de seu conteúdo” (TEMPERTON, 2020)

Entendemos que a crítica do jornalista seguida de resignação é insuficiente para o desafio que a sociedade enfrenta na atualidade. Uma usuária do Twitter, identificada como estudante de neurociência, e citada pelo *The Sun US*, sugere uma resposta mais radical após comentar sobre sua tia confrontá-la defendendo a relação da doença e da radiação emitida pelo 5G “(...) Preciso que o aplicativo [utilizado para disseminar essas informações] seja desmantelado imediatamente” (EDWARDS, 2020).

Na próxima seção, discutiremos o papel das plataformas digitais e de sua governança no contexto de desinformação. Como vimos, a cobertura do processo de disseminação de informações falsas via redes sociais é rasa, e não se problematiza os meios que permitem que elas se espalhem. As vozes das empresas se sobressaem, com relatos das medidas que estão tomando para mitigar o problema, enquanto o problema em si não é analisado. Dado os efeitos que possuem na mediação da informação no cotidiano, problematizamos abaixo fatores que consideramos essenciais que alcance difusão jornalística.

## DISCUSSÃO

Enquanto fica evidente nas matérias jornalísticas o papel que grandes plataformas como Facebook, Twitter, YouTube, e WhatsApp têm tido na disseminação de informações falsas, não encontramos reportagens que discutam com densidade as propriedades que detêm tais meios para transformar boatos locais em massivas notícias falsas. Uma pergunta fundamental e não apropriadamente respondida por essas matérias seria como a voz de um clínico geral de uma cidade de menos de 18 mil habitantes na Antuérpia se torna o discurso de autoridade de grupos anti-5G disseminados em grupos do Facebook, tal qual relata a Revista *Wired UK* (TEMPERTON, 2020)? Essa seria uma



questão de utilidade pública para lançar luz sobre os atributos dos meios de comunicação utilizados e como eles estão intrinsecamente ligados ao poder que alcançam as mensagens veiculadas através de suas infraestruturas. Em nossa interpretação, os usuários, as plataformas e a mensagem *fundem* suas características para que informações se disseminem, num processo conhecido na literatura de estudos de ciência e tecnologia como tradução (LATOURE, 1999). Em outras palavras, tais indivíduos e suas mensagens sem tais meios não teriam o escopo alcançado. Pessoas desconhecidas ganham pulsão com os atributos dessas plataformas, deixando seu escopo local para se tornar possivelmente global.

A regulação das plataformas é um tema fundamental nesse contexto. Enquanto há um consenso geral de que tais empresas e conglomerados econômicos não podem ser responsáveis pelos conteúdos que circulam em suas redes — entendimento importante para impedir efeitos perversos contra a liberdade de expressão— discussões-chave relativas ao grau de governança privada dessas estruturas e ao poder que elas detêm na mediação da comunicação (DENARDIS; HACKL, 2015; GILLESPIE, 2010), devem urgentemente entrar em pauta por seu alto grau de interesse público. O design dessas plataformas tem características que contribuem para fatos sociais de amplo escopo, como podemos presenciar. O jornalismo científico pode colaborar sobremaneira para a compreensão e o avanço dessa discussão, promovendo conhecimento que as ciências sociais em disciplinas como comunicação, direito digital, sociologia das tecnologias têm produzido a esse respeito.

Por exemplo, estudo de checagem de fatos do Instituto Reuters e da Universidade de Oxford mostram que entre as postagens identificadas com informações falsas sobre a Covid-19 em geral (não somente relacionada ao padrão 5G), 59% daquelas no Twitter, 27% no YouTube e 24% no Facebook continuaram ativas e sem aviso sobre o conteúdo falso para alertar os usuários (BRENNEN et al., 2020). Os avisos, também chamados de inoculação de mensagens (LEWANDOWSKY; COOK, 2020), são uma ação que tem sido tomada quando não há remoção de conteúdo com o objetivo de motivar usuários a acessarem informações de instituições de confiança antes de compartilhar informação possivelmente falsa a fim de diminuir sua disseminação. No caso do YouTube — para o qual informações falsas sobre o padrão 5G não associadas ao coronavírus não violam suas políticas a ponto de serem removidas—, a plataforma opta por extrair o conteúdo de recomendações e buscas no site, o que reduz a visibilidade dos vídeos em mais de 70%,

---

segundo a empresa (HERN, 2020). Esse fato evidencia não apenas os atributos dessa plataforma de vídeo como meio de comunicação, como também as implicações dos seus algoritmos na disseminação de conteúdo, como já discutido por pesquisadores da universidade de Harvard, que inclui a brasileira Yasodara Córdova, no contexto das eleições de 2018 no Brasil (FISHER; TAUB, 2019; KAISER; RAUCHFLEISCH, 2019).

Adicionalmente, em comunicações privadas via aplicativos de mensagem como o WhatsApp, outras medidas tomadas envolvem limitar o número de encaminhamentos diretos de uma mensagem etiquetada como ‘altamente encaminhada’ a um único destinatário, seja grupo ou indivíduo—fato que exige passos adicionais para disseminar tal informação. Segundo a empresa, essa ação diminuiu em 70% o número de encaminhamento de tais mensagens considerando as primeiras semanas de implementação no mês de abril de 2020 (SINGH, 2020). No período de dois anos, quando a empresa diminuiu para cinco o número de destinatários para encaminhamento de qualquer mensagem, o número de encaminhamentos diminuiu 25% em todo o mundo segundo a mesma fonte (SINGH, 2020).

Enquanto essas ações, associadas a financiamento de trabalhos de checagem de fatos, têm mostrado a disposição dessas plataformas em contribuir para mitigar o problema do alcance de informações falsas, elas também devem ser lidas como evidências do reconhecimento dessas corporações sobre o controle que suas infraestruturas de comunicação detêm e a sua responsabilidade perante o fenômeno, devendo assim, em nosso entender, gerar muito maior aprofundamento jornalístico.

Recentemente, o Facebook criou um conselho independente com membros de diversos países para tomar decisões sobre os conteúdos que devem e não devem circular em sua página. Ao fazer isso, a empresa nos evidencia o papel que possui em mediar o discurso público e o reconhecimento da necessidade de fazê-lo de maneira menos privada e unilateral. Um dos membros do novo conselho, o brasileiro Ronaldo Lemos, nos recorda como a tarefa desse órgão se assemelha ao que faz o Poder Judiciário no exercício de sua função numa ordem democrática. O autor explica: “No entanto, quando decisões [de remoção de conteúdos] são tomadas apenas de forma interna, sem publicização das justificativas (como faz o Judiciário quando decide), o debate sobre a aplicação dos critérios [de remoção] não avança. Além disso, é um exercício de poder enorme, além daquele já concentrado pelas plataformas” (LEMOS, 2020).

---

Claramente, esse é um tema que deveria ultrapassar as páginas de opinião dos jornais de grande circulação e matérias em seções de negócios ou de tecnologia onde foi veiculado (ÉPOCA NEGÓCIOS, 2020; SANTINO, 2020). A criação desse conselho, o qual o canal Olhar Digital informa ser um tipo de “Suprema Corte,” deveria ser abordado sob a égide de um jornalismo científico comprometido em desvelar o papel das tecnologias, sob propriedade de grandes conglomerados econômicos, nos desafios da comunicação contemporânea e o controle exercido a partir do seu design e governança privados. Para a sorte de jornalistas no Brasil, felizmente o país possui uma substantiva massa crítica nessa área, geralmente denominada de governança da internet, incluindo uma ampla sociedade civil, como a Coalizão de Direitos na Rede, redes acadêmicas como a Rede Latino-Americana de Estudos sobre Vigilância, Tecnologia e Sociedade (LAVITS), a Rede de Pesquisa em Governança da Internet (REDE), o Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) que organiza anualmente o Fórum da Internet no Brasil, além de figuras públicas presentes nessas mesmas redes sociais.

## CONCLUSÕES

A análise de conteúdo de matérias em veículos variados sobre os incêndios a antenas de telefonia móvel 5G devido à relação com a Covid-19 mostra-se útil para lançar luz sobre as estratégias jornalísticas de desconstrução de teorias da conspiração. Identificamos uma tendência à ridicularização dos fatos, que aponta para a falta de uso de contra-argumentos aprofundados, e um consequente diálogo com uma audiência mais cativa e sensível aos valores dos veículos. Ao mesmo tempo, a falta de problematização sobre o que leva à disseminação de informações problemáticas e desinformação também se sobressai. Buscamos discutir aspectos das políticas das plataformas digitais e sua governança com efeitos diretos na disseminação de teorias da conspiração a fim de contribuir para o debate do papel do jornalismo no cenário atual.

## REFERÊNCIAS

ADAMS, T. 5G, coronavirus and contagious superstition. **The Observer/ The Guardian**, 26 abr. 2020.

---

BRENNEN, S. J. et al. **Types, sources, and claims of COVID-19 misinformation. Reuters Institute for the Study of Journalism**, 7 abr. 2020. Disponível em: <<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/types-sources-and-claims-covid-19-misinformation>>. Acesso em: 10 jun. 2020

BROAD, W. J. Your 5G Phone Won't Hurt You. But Russia Wants You to Think Otherwise. **The New York Times**, 12 maio 2019.

CALLON, M.; LATOUR, B. Unscrewing the big Leviathan: how actors macro-structure reality and how sociologists help them to do so. In: CETINA, K. K.; CICOUREL, A. V. (Eds.). . **Advances in Social Theory and Methodology (RLE Social Theory): Toward an Integration of Micro- and Macro-Sociologies**. 1st Edition ed. London: Routledge, 1981.

DENARDIS, L.; HACKL, A. M. Internet governance by social media platforms. **Telecommunications Policy**, v. 39, n. 9, p. 761–770, out. 2015.

DN/AFP. **Condenado a três anos de prisão por incendiar antena 5G para travar covid-19 - DN**. Disponível em: <<https://www.dn.pt/mundo/condenado-a-tres-anos-de-prisao-por-incendiar-antena-5g-para-travar-covid-19-12290250.html>>. Acesso em: 8 jun. 2020.

EDWARDS, C. Bizarre “5G caused coronavirus” conspiracy theory that spread on YouTube is still going viral on WhatsApp. **The Sun US**, 2 abr. 2020.

ÉPOCA NEGÓCIOS. Facebook cria conselho independente para moderação de conteúdo. **Época Negócios**, 14 maio 2020.

FISHER, M.; TAUB, A. How YouTube Radicalized Brazil. **The New York Times**, 11 ago. 2019.

GILBERT, D. These Videos Show People Burning Down 5G Cell Phone Towers Over Coronavirus Conspiracy Theories. **Vice**, 14 abr. 2020.

GILLESPIE, T. The politics of ‘platforms’. **New Media & Society**, v. 12, n. 3, p. 347–364, 1 maio 2010.

GRAGNANI, J. Por que dizer “tomei cloroquina e por isso me curei”, como faz Bolsonaro, é uma “falácia” e não prova nada. **BBC News Brasil**, 27 ago. 2020.

HERN, A. YouTube moves to limit spread of false coronavirus 5G theory. **The Guardian**, 5 abr. 2020.

---

JACK, C. **Lexicon of Lies: Terms for Problematic Information** Data & Society, , 2017. Disponível em: <[https://datasociety.net/wp-content/uploads/2017/08/DataAndSociety\\_LexiconofLies.pdf](https://datasociety.net/wp-content/uploads/2017/08/DataAndSociety_LexiconofLies.pdf)>

KAISER, J.; RAUCHFLEISCH, A. The implications of venturing down the rabbit hole. **Internet Policy Review**, 2019.

LATOURET, B. **Pandora's Hope: Essays on the Reality of Science Studies**. 1 edition ed. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1999.

LEWIS, R. Opinião - Ronaldo Lemos: O Oversight Board do Facebook. **Folha de S.Paulo**, 11 maio 2020.

LEWANDOWSKY, S.; COOK, J. **The Conspiracy Theory Handbook**. Australia, United States: [s.n.]. Disponível em: <<https://www.climatechangecommunication.org/wp-content/uploads/2020/03/ConspiracyTheoryHandbook.pdf>>.

MAURÍCIO, P.; ALMEIDA, R.; SOARES JR., C. **Colonialismo digital à vista na guerra fria comercial entre EUA e China: o caso Huawei**. 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais**. In: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO. Belém, Pará, Brasil: 7 de setembro de 2019

RFI. Covid-19: Fake news no Reino Unido provoca incêndios de antenas 5G. **RFI**, 7 abr. 2020. Disponível em: < <https://www.rfi.fr/br/geral/20200407-covid-19-fake-news-no-reino-unido-provoca-inc%C3%AAndios-de-antenas-5g> >

RIGUES, R. Por medo do coronavírus, ingleses ateiam fogo a torres de 5G. **Olhar Digital** Disponível em: <<https://olhardigital.com.br/coronavirus/noticia/por-medo-do-coronavirus-ingleses-ateiam-fogo-a-torres-de-5g/99074>>. Acesso em: 8 jun. 2020.

ROSA, F. R. Há algo perverso na comunicação presidencial. **Outras Palavras**, 17 mar. 2020. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/crise-brasileira/ha-algo-perverso-na-comunicacao-presidencial/>>. Acesso em: 11 jun. 2020

SANTINO, R. **Facebook inclui brasileiro em “comitê de ética” que pode reverter decisões de Zuckerberg** **Olhar Digital - O futuro passa primeiro aqui**, 6 maio 2020. Disponível em: <<https://olhardigital.com.br/noticia/facebook-inclui-brasileiro-em-comite-de-etica-que-pode-reverter-decisoes-de-zuckerberg/100415>>. Acesso em: 9 jun. 2020

SINGH, M. WhatsApp's new limit cuts virality of 'highly forwarded' messages by 70%. **TechCrunch**, 27 abr. 2020.

SOUZA, J.; AVELINO, R.; SILVEIRA, S. A. DA (EDS.). **A sociedade de controle: manipulação e modulação nas redes digitais**. 1a Edição ed. São Paulo: Hedra, 2018.

TEMPERTON, J. The 5G coronavirus conspiracy theory just took a really dark turn. **Wired UK**, 7 maio 2020.

VICENTIN, D.; ROSA, F. R. 5G e Covid-19: das teorias da conspiração ao domínio da infraestrutura de vigilância. **Comciência**, Dossiê Um Futuro Depois. n. 218, 15 jun. 2020.

WARREN, T. British 5G towers are being set on fire because of coronavirus conspiracy theories. **The Verge**, 4 abr. 2020.